

DIÁRIO INDEPENDENTE
DIRECTOR EDITOR
FERREIRA DA SILVA
Redacção, administração, composição
Impressão, Rua de Alportel, 23 27
Endereço: t-1 grafico
ALGARVE-FARO

ALGARVE

Faro, 13 de Abril de 1924

Photografia
Brasil
Retratos d'arte e todos
os generos de fotografia execu-
dos em absoluta perfeição.
R. da Escola Politecnica, 14U
LISBOA

Semana de Lisboa

O CINE-TEATRO

NOTICIAS PESSOAES

CINE-TEATRO

TOURNEE DESSAUER

A barafunda que por ahi se tem
torna a roda da chamada "lei seca"
ora dumamancira infindavel...
caminho com que neste paiz
costumam tratar os assuntos de
moralizador, e que por
assim, merecem lá fora uma
qualquer creatura de bom sen-
tido que não tenha sido mi-
sistão, que o não seja ou pens-
a ser, compreende que, pe-
a necessidade de produzir
lei que reprima os abusos do
e acompanhe o movi-
de igual tendencia que vae
e mundo trã, o ideal seria
ter uma lei de facilissima com-
e execução.
assim devidamente de
os interesses materias
que vendem as bebidas e
interesses moraes (o melhor
o os desinteressados) d'queles que
o, enfiaram no grupo dos
o combatem o uso imoderado
o álcool, como factor que é do
o pauperamento da raça e da
o moralisacão dos costumes.
Pois bem! o contrario disso,
que se fez foi um amontoado
o de artigos de tal maneira confusos
o de ninguém comprehendeu. Como
o consequencia disso a lei quasi não
o cumprida, vindo-se as proprias
o autoridades impossibilitadas de ex-
o esse cumprimento por não sa-
o serem em que ele consiste...

tornava o encerramento por ser
essa a epoca mais turbulenta e em
que, logicamente, o alcool faz
maiores danos!...
Seja-nos licito acentuar que as
no-sas esperanças de educador
moral se não fundam exclusiva-
mente no bom ou mau cumprimento
de dessa ou doutras leis de carac-
ter moralista.
Somos de opinião que aquilo que
não conseguem os principios esta-
veis da propaganda feita ora pela
persuasão, ora pela imprensa ou
pelo livro e principalmente pelo
exemplo, não conseguem os meios
coercitivos.
H- um meio pouco conhecido
entre nós de regeneração anti-alcoo-
lica. São os hospitaes em que se
recebem as creaturas que se en-
tregam a tal vicio.
Submetidas a um regimen espe-
cial e a um processo educativo
essencialmente pratico e intuitivo,
eles, os doentes, acabam por per-
der tão ruim habito. O bom exito
de este tratamento deve-se á circun-
stancia de o doente agir como tal
por sugestão doutros já invetera-
dos no vicio e pela propria taber-
na, cafés, etc. Uma vez afastados
de si esses meios fascinadores e
concedido esse afastamento com
as sugestões boas dos que tem por
missão cural-o, ele aborrece a be-
bida e regenera-se, pelo menos na
grande parte dos casos.
Se neste paiz houvesse o habito
de olhar para os assuntos desta
magnitude com o interesse que eles
merecem, aqui teriamos nós um
bello complemento á incompleta
"lei seca"...

Sr. Director de O Algarve
Tenha paciencia em aturar-me
mais esta massada, mas eu não
posso abandonar o assunto porque
não quero que a traça me entre
no papel do Cine-Teatro, que é
uma das empresas boas do Algar-
ve.
Pois é verdade; mal esperava
eu, ao escrever-lhe a minha carti-
nha em defeza da boa orientação
na administração daquela casa de
espectaculos que teria a respon-
der-me um outro accionista — o
sr. José de Jesus Madeira Junior.
E não pensava porque tendo
falado com grande quantidade de
accionistas nenhum teve ideias
contrarias ás minhas, antes todos
aplaudiram a minha acitudo. Con-
cluo eu que a qualidade que o
sr. Madeira Junior invoca — a de
accionista para fazer favor de me
alumiarem, não foi, na realidade, a
que o obrigou a descer a terreiro
para me responder. O sr. Madeira
para que acumula o lugar de accio-
nista com o de encarregado da
central electrica da empresa do
Cine, sentiu-se picado com a mi-
nha frase de maquiñismos de lu-
zo e quer mostrar que tal desi-
gnação se não deve aplicar ás
maquinas que ele julga precisas
para atrahir aquela casa de espe-
taculos todas as grandes compa-
nhas da capital e do estrangeiro.
Não lhe quero mal por isso. O
sr. Madeira defende o seu ponto
de vista e muito lhe agradeço a
sua sapientissima lição.
Devo porem dizer-lhe que as
suas razões e a sua lição, dados
com modos de quem se sente vic-
tima de uma impertinente intru-
são nas suas atribuições e na sua
sapiencia, não só me não rendem ao
seu ponto de vista mas antes mais
consolidam o meu, que é o da
maioria dos accionistas.
O sr. Madeira, segundo ouvi
dizer, quer que se compre uma
maquina que custará perto de cem
contos e que se venda a que lá
está. Tal pretensão a realizar-se
retirá o dividendo aos accionis-
tas por uma porção de anos. O
sr. Madeira não se importa com
esse facto. Pelo visto, o seu amor
á empresa e o seu desejo intenso
de a ver cada vez mais próspera
e brilhante, valem para ele muito
mais que o seu passageiro sacri-
ficio de accionista.
Está no seu direito, mas eu e a
maioria dos accionistas é que não
temos o mesmo criterio porque
não temos as mesmas razões. Nun-
ca as tivemos, e se algumas ten-
dencias surgissem para as ter, a
carta do sr. Madeira imediatamente
as dissiparia.
Com effeito, não é preciso ter
sciencia alguma de amperes volts
etc. para ver que não se preci-
sam maquinas de luxo.
Diz o sr. Madeira: «O palco
mal iluminado leva-nos 80 ampe-
res; sala, corredores e rua 30
amperes, arco da projecção 50
amperes».
Como se vê soma tudo 160 am-
peres. Ora, eu que não pesco de
electricidade, como já disse, con-

sulti pessoa entendida naquele
mister que me disse: Havendo
100 amperes a 110 voltios temos
11.000 voltios ou sejam em ca-
valos 15 pouco mais ou menos.
E preciso porem, ver o seguin-
te: quando funciona o palco, não
funciona o cinematografo e não
funciona a sala. De forma que os
100 amperes chegam e muito mel-
hor chegariam se as lampadas do
palco fossem de meio vatio. Nos
intervalos estão disponiveis quasi
todos os 80 amperes do palco, o
que não só chega para o resto, co-
mo ainda sobra.
Quando a sala funciona com o
cinematografo ainda o sr. Madei-
ra fica mais aliviado.
Mas ninguém quer opôr-se a
que reforçe a força da central
electrica do Cine, tanto mais que
existindo apenas um grupo de ma-
quinas se qualquer peça desse gru-
po se avariar a casa ficará ás es-
curezas.
Dahi, porem, a deixar gastar 100
contos é uma enorme distancia.
E desde já posso assegurar ao
sr. Madeira que se não fará sem
que a maioria dos accionistas o
consinta, rendida por melhores ar-
gumentos que os até agora apresen-
tados pelo sr. Madeira.
E como não procuro glorias e
apenas tenho empenho em não
deixar entrar o bicho no papel do
Cine-Teatro, continuarei na posi-
ção de accionista anonimo, com a
qual o sr. Madeira tanto se im-
pressionou. E, desde já declaro
que, se não comprarem os maqui-
nismos que o sr. Madeira indica
como capazes de atrair todas as
companhas e trazer uma seme-
leira de notas do banco para os
accionistas, deixarei o anonimato
para ir comprar com bom lucro
todas as acções do Cine-Teatro de
que o sr. Madeira é possuidor, sal-
vando-o assim da ruina que ele
projecta com tão convencido e
magesoso gesto no final da sua
carta.
Um modesto accionista anonimo

Para seu filho o engenheiro agronomo
sr. Miguel Caeiro Carvalho Rico, foi pe-
dida em casamento pela sr. D. Vicencia
Natalia Caeiro Carvalho Rico, esposa do
engenheiro sr. Antonio Caeiro Rico, a
sr. D. Adelina Peres de Oliveira Carlos,
gentil filha da sr. D. Adelina Peres de
Oliveira Carlos e do capitão de fragata
nosso comprovinciano sr. Marcelino Car-
los.
Está em Lisboa o sr. dr. Alberto Car-
bral, delegado do procurador da Repu-
blica nesta comarca.
Com a sr. D. Maria Teresa Duarte,
filha do sr. Francisco José Duarte, pro-
prietario de Portimão, consorciou-se o
sr. José Rodrigues Pinheiro Centeno, tes-
oureiro da filial da casa bancaria Tota,
naquella vila.
Estiveram em Faro os srs. José Ber-
nardo de Sousa Correia, de Lagoa, e Vi-
ctor Costa e Silva, de Lagos.
Tem estado muito doente em Porti-
mão, a sr. D. Maria Francisca Bivar
Weinholz.
Está em Lisboa o sr. Ferreira de
Sousa, chefe do departamento maritimo
do sul.
Com sua esposa está em Lisboa o sr.
dr. Francisco Corte Real, de Portimão.
Esta em Faro com sua esposa, o sr.
José Marques do Carmo, de Monchique.
Acompanhado de sua mãe regressou
hontem de Lisboa o sr. Antonio Rebelo
Neves.
No goso da ferias está em Faro o fi-
lho do nosso colega Ferreira da Silva.
Partiu hontem para Lisboa a esposa
do sr. José Maria de Mendonça.

Visitou esta cidade, dando aqui
dos espectaculos na terça e quarta
feira ultimas, um grupo de ar-
tistas que se apresentou sob o no-
me de Tournee Dessauer.
O seu trabalho foi bom e o con-
junto agradou-nos completamente.
O repertorio da tournee é compo-
sido por peças num acto e varia-
des.
É certo que o genero de peças
em um acto unico constitue uma
maneira de fazer teatro que esbar-
ra com numeras dificuldades, mas
a tournee Dessauer siube vence-las
com arte e intelligencia. Deu nos
peças, peças a valer, e em cujo
desempenho pequenos serões na
a noiar, e não essas estaladas co-
mediasinhas tolas e ingenuas que
fizeram as delicias dos nossos
maiores.
Todos arcam com os seus pa-
péis com intelligencia, mas sem
desprezo para ninguém de taca-
remos com justiça Sarah Lima,
gentil figurinha movida e viva,
já bem conhecida aqui, onde en-
treava hado com artistas de en-
gadura e justo renome. O seu
trabalho em Um pequeno romance
representa um traço artistico di-
gno de especial menção e em Uma
aventura de viagem, se bem que
tura do seu genero, venceu com
proficiencia as dificuldades do pa-
pel.
Augusta Guedes bem em Um
pequeno romance e interessante na
fim de Uma aventura de viagem.
Ruy Melo correto no pri-
meiro acto; no terceiro, se bem que
venceu, faltou-lhe vinciar um pou-
co mais o lado precioso do seu
personagem.
Proposadamente deixamos para
o fim George Dessauer, por se
tratar de algum muito conhecido
no nosso meio e que se escolhe
modestamente sob este pseudoni-
mo e cujo verdadeiro nome é Jorge
Leitão. Não o supunhamos actor
e foi com verdadeira surpresa que
o vimos pisar a scena.
Confessamos que, aparte peque-
nas deficiencias resultantes da pou-
ca pratica e um actor que possui
todas as condições para vencer.
Aconselhamos-lhe, contudo, que
nao faça tudo com oculos, pois es-
se facto aproxima muito todos os
seus personagens.
Em Uma culpa destaca-se tam-
bem Sarah Lima.
Ele... Ela... e Ele foi int-
pretada com justiça por todos.
Os actos de variedades boas,
agradando absolutamente a Augusta
Guedes que é uma cantora de in-
contestavel merito e possui uma
voz extensa e de agradável timbre.
Luiz Frezzini com uma voz
pequena mas harmoniosa soube
fazer perfoar pelo canto as difi-
cencias de representação. Os ou-
tros bem.
Como já dissemos, o repertorio
é magnifico e está fora da banali-
dade das comedias, mas é justo
notar que Um pequeno romance é
uma verdadeira criação literaria e
scenica.
Pouco publico, talvez por falta
de sufficiente reclame.
O pianista razoavel.
Em resumo: a companhia apre-
senta-se com um bello conjunto
scenico e com elegante e correcto
guarda roupa.

CONCERTO

Está despertando grande intere-
se e não menos entusiasmo o con-
certo que a orquestra de professores e
alunos do Conservatorio de Lisboa
depois de amanhã dá no Cine Tea-
tro.
O programa é o seguinte:
1.ª parte
I—Ossian, ouverture—Niels-Ga-
de.
II—Aria da esuite em ré—Bach.
III—Preludio—Debussy.
IV—Minuete pela orquestra—J.
H. dos Santos.
V—Barbeiro de Sevilha (una
vose pocofa)—Rossini. Canto por
mademoiselle Julia Xavier Dias.
VI—Hargo do concerto em ré—
Vivaldi.
VII—(a) Momento musical—
Schuber.
(b) Abelha—Schuber. Pela or-
questra.
2.ª parte
VIII—Sinte lirica—Grieg.
(a) Preludio.
(b) Uma tarde nas montanhas.
(c) No bergo.
(d) Minuete da avó.
(c) Canto dos marinheiros. Pela
orquestra.
IX—Solos de harpa, pela pro-
fessora Wercuyse de Sá.
X—Adagio (clair de lune)—Be-
ethoven.
XI—Cavalaria Rusticana (roi-
l sapete)—Mascagni. Canto por
mademoiselle Victoria Lopes da
Silva.
XII—Schezo—Vianna da Motta.
Pela orquestra.
3.ª parte
XIII—Preludio do Stabat Ma-
tas—Pergolesi.
XIV—Na romaria—Costa Fer-
reir.
XV—Minuete—Mozart. Pela or-
questra.
XVI—Otello (ave maria)—Verdi.
Canto por mademoiselle Aurora
Marques.
XVII—Le signe—Saint-Saëns.
XVIII—Valsa da serenata—Tshai-
kowsky.
XIX—Danças Ungaras—Bra-
hms. Pela orquestra.

CAUTEA !...

em Faro, os presos da cadeia passeiam de madrugada
::: :: pelas ruas da cidade ::: ::

A respectiva entidade acaba de
entregar o seguinte documen-
to:
Ex.º Sr. dr. Delegado do
Procurador da Republica
da Comarca de Faro:
O abaixo assinado, estabelecido
e domiciliado nesta cidade, res-
peitavelmente, na rua Serpa Pinto, 87
e 89 e rua Ata de Oliveira, aca-
ba de depôr no Commissariado da
Policia Civica de Faro, o docum-
ento do teor seguinte:
«O abaixo assinado participa a
V. Ex.ª que na madrugada do dia
1 do corrente mês, entre a uma e
as duas horas, fui partido um vi-
stro da porta n.º 87 do meu estabe-
lecimento situado na rua Serpa
Pinto desta cidade. Pelas declara-
ções feitas por algumas das pessoas
adante mencionadas, o autor da
infracção foi por algum daqueles im-
ediatamente agarrado, e, dada a
ausencia da policia, pelas mesmas
causas á cadeia desta cidade,
onde entrou, embora sem a presen-
cia do carcereiro, que ali não se
achou visto a declaração por
que feita de que já ali se en-
contra o detido, esperando ou
cumprindo pena.
Deleto é supor no signatario
que de natureza muito mais grave
fosse o mobil deste caso, dados os
valores que proximo da porta se
encontram e bem assim por toda
a casa, com a agravante do sitio,
hora e situação do agente, e, nesta
conformidade, e ainda pelo da-
no causado, o signatario vem mu-
lto respeitosamente pedir a V. Ex.ª
que deigne proceder como é de jus-
tiça, quanto ao lado policial da

ocorrência, pois quanto ao resto
nesta mesma data se dirige á ins-
tancia competente.
Oferece como testemunhas:
José da Paz Viegas, funcionario
da Administração do Concelho;
Francisco dos Reis Marreiros, fis-
cal da iluminação; Cipriano Anto-
nio Rodrigues, Alvaro de Oliveira
Calvario, funcionario de finanças;
guarda civico n.º 54 e o seu cole-
ga que guardou a porta.
Julga o participante, merecedor
de justos reparos e de prontas e
mergicas providencias o facto que
desta participação avulta: a hora
em que o caso se deu e a situação
de quem o motivou; um detido da
cadeia desta cidade
Reservando para o lugar proprio
os comentarios que o caso admite
e a segurança da gente honrada re-
quer como caustico necessario e
preventivo de males maiores, o si-
gnatario formula pelo presente a
sua accusação aos responsaveis do
facto que aponta, quaisquer que
eles sejam, solicitando de V. Ex.ª
o seu mereo do castigo, como re-
paração devida ao bem já ao proprio
massa ao prestigio da Justiça e da
moral social. Oferece como testem-
nhas os nom.s acima. Faro, 5 de
abril de 1924—Apto d Oliveira.»

Ignorando as providencias to-
madas pela entidade competente
para que estes casos se não repi-
tam «dado que se não trata dum
caso isolado,» no proximo núme-
ro diremos o que houvermos por
bem para conhecimento do pu-
blico.
A. O.

Festividade dos Passos

Na igreja paroquial de S. Pedro
tem hoje lugar a festividade de N.
S. J. dos Passos.
A procissão que se faz dentro do
templo tem lugar ás 6 horas da tar-
de, havendo em seguida sermão.

Armazens de Moveis do Algarve L. da

Participamos que, por escritura
lavrada nesta data no notario desta
cidade sr. dr. Victor da Fonseca,
o sr. Joaquim Gomes Ferreira or-
deou a quota que tinha nesta so-
ciedade a favor do sr. José da Sil-
va Pereira, passando-lhe todos os
seus direitos e encargos.
Por este facto e em reunião de
assembleia geral dos socios foram
nomeados gerentes os nossos socios
srs. Alfredo da Silva e José de
Silva Pereira, conforme consta da
competente acta.
Faro, 10 de abril de 1924.
Armazens de Moveis do Algarve L. da

Aos lavradores

Fava e aveia compra-se na es-
tação de procedencia.
Indicar o peso de 20 litros, e
remeter amostras para Henrique
dos Santos e Silva, Travessa das
Zebraz, 9, Belem—LISBOA.

Motores baratos... Um vigario alemão

Ha duas semanas appareceu nesta cidade um estrangeiro bem vestido que travando relações com algumas pessoas se intitulou engenheiro representante de varias firmas alemãs e de uma importante firma portugueza de maquinismos. O homem era insinante e sabia dos assuntos de que tratava. As suas propostas eram vantajossimas.

Maquinas muito baratas, pagas em prazos de um e dois anos. Começaram a surgir freguezes de todos os lados. No restaurante do Cine Teatro, tinha Herr Umber Huber, assim se chamava o distincto engenheiro negociante, sempre convivas que com ele e a custa dele, o ajudavam a dgerir as saborosas iguarias.

O homem subia dia a dia a preciosa escada da notoriedade feliz e prospera. Os negocios iam-se accumulando. Ele prometia remeter e instalar tudo em prazos curtissimos. As condições de pagamento metiam sempre apenas um terço da quantia total que ele prometia remeter para a Alemanha. Tinha cont actos impressos em que o seu timbre figurava mas em que apenas se via Lisboa mas onde não havia rua alguma designada.

Nem tal era preciso visto que as maquinas que vendia já estavam em Hamburgo prontas a partir. Emfim o sr. Umber Huber, era a providencia das industrias algarvias e se não fossem os jornaes o distincto cavalheiro deixaria no Algarve recordações imperciveis, visto que ele guiado por pessoas servicias e obsequiosas começara já a percorrer outras terras.

No passado domingo, porem, os jornaes de Lisboa, desfizeram cruelmente os sonhos fagueiros de tantos industrias em procura de pechinchas. Tratava-se nada menos de um famoso vigarista que no Porto, cheliando uma troupe, conseguira burlar muitas pessoas em dezenas e dezenas de escudos. Nessa altura sentiu-se roubado o sr. Joaquim Carvalho, industrial desta cidade a quem ele já tinha apanhado seis contos como primeira prestação de uma instalação de fazer gelo. Este sr. queixou-se á policia e esta correndo ao Grande Hotel prendeu o homem e conseguiu apanhar os seis contos do sr. Carvalho que por luminarias no coração. Metida a policia no caso viu-se logo que embora as negativas do homem, tratava-se realmente de um grandissimo intrujão. No hotel dera um nome diverso daquele que usava cá fora.

Levado sob prisão para o commissariado, o sr. commissario de policia telegrafou para Lisboa e para o Porto, tendo partido destas duas cidades agentes para o conquistarem. Como, porem, o agente de Lisboa tivesse aqui chegado primeiro, foi a este que o preso foi confiado. O agente do Porto chegou no comboio de quarta feira a noite, pouco depois do preso ter partido para Lisboa.

Do caso ficaram algumas piadas com que os comedores dos jantares do homem já vão dando o cavaco.

HA 44 ANOS
U'c Districto de Faro de 8 de Abril de 1880

Foi nomeado guarda mór da estação de saúde do porto de Faro o sr. bacharel formado em medicina Francisco Lázaro Cortes.

Alguns vez a granja havia de acerto na nomeação de empregados publicos. O sr. Cortes é um moço inteligente e probo, muito digno de exercer o lugar para que foi despachado.

6 contos
Precisam-se a juro, dando bons fiadores.
Carta a esta redacção com as iniciaes A. C. C.

Agradecimento

Abraão Ruat, impossibilitado por motivo de doença de agradecer, em seu nome e de sua familia, a todas as pessoas que o visitaram e lhe mandaram prezames pelo falecimento de sua querida mãe e irmão, vem por esta forma pntentear a sua enorme gratidão para com todos que se associaram á sua côr, pedindo desculpa de o não poder fazer pessoalmente em devido tempo.

CARRO vende-se com dois varões de carga em bom estado. Dirigir a Manoel Joaquim Marum, rua Infante D. Henrique, 130 — Faro.

Material electrico de toda a especie

Fornecemos aos revendedores. Aceitamos agentes no Algarve. **AZEVEDO & BRITO** RUA DO ARÇO BANDEIRA, 5-3° Tele {fone C. 5464 gramas SANBRITOS, LISBOA

PRECISA-SE um mo-leiro para a Companhia de Moagem e Serração em Boliquireme. Dirigir á mesma companhia.

Cascos

Para azeite alugam-se e vendem-se 10. Dirigir a Manoel Joaquim Marum, rua Infante D. Henrique, 130—Faro.

Loja de moveis e Oficina de estofador

Esta casa tem montada a secção completa de estofos. Encarrega-se de estofar toda a qualidade de mobilia para o que está habilitada, possuindo todos os materiaes taes como: veludos, cretones, etc. etc, tendo sempre pronto em deposito Maples e clause longues, etc. a preços baratos.

4, Rua Pinheiro Chagas, 6

HORTA vende-se no sítio do Vale da Amoreira, junto da estrada que de S. Luiz vai para a Conceição. Tem casas de moradia, ramada, palheiro, etc. Dirigir ao proprietario, na mesma horta.

Jardins, Parques e Pomares

Arvores para Avenidas, estradas e praças. Arvores para bosques e madeira de construção — Arvores de fructo de todas as especies e das melhores variedades; collecção distincta: Roseiras, Dahlias, Craveiros, Arbustos e plantas de flor, para jardins. — Razes e bolbos de flores. — Sementes de flores e de Horta. — Projectos e construção de jardins, Parques e Pomares em estilos modernos e antigos, enviando-se pessoal habilitado para todo o paiz e Hespanha. Pedir catalogos gratis á Jacintho de Mattos — Horticultor, Rua da Boavista, 474 — PORTO. Estabelecimento fundado em 1870.

CASAS Vendem-se duas moradas, terras com os numeros 15 e 19, na Travessa da Saude Quem pretender dirija-se a João Ignacio Guerreiro Rua do Forno, 1—FARO.

Santos Silva & Salgado, L. da

Fabrica de conservas :-: de peixe :-: em azeite e salmoura

TOSSES

Gripe Bronquites Constipações

BRITISH Instituto Pasteur de Lisboa LISBOA-R. N do Almada 69 PORTO-R. dos Clerigos 36

Tratamento das vinhas pelo Pó Caifaro e enxofre Ferro Cúbico. Decida vantagem sobre a cal a bordelêza. O Sindicato Agricola de Faro tem a representação da casa importadora.

VELUDOS e SETINETAS

para estofos e reposteiros

Peçam amostras e preços

The British Products Supply, L. da Calçada do Carmo, 25, S/L Esq. do — LISBOA

CASA MATTOS

Rua Conselheiro Bivar, 29, 31

FARO

Fazendas de algodão, lã, mercador e miudezas.

Tudo mais barato

Completo sortido em panos brancos, tecidos finos, zefires, colchas, bordados, rendas, etc.

Chitas desde 2.500 o metro
Panos br. 3.000 o metro
Panos crus 3.500 o metro
LINDAS CASSAS A 5 E 6.000 O METRO
O maior sortido em chapéus de palha para creança. Guarda chovas e sombrinhas

Todos á CASA MATTOS

Oficina de canteiro e escultura

Antonio Tomaz Ramos

Estrada de Alportel

FARO

Execução rápida, perfeita e economica

motivo de liquidação de bens, vende-se ou passa-se a Tipografia SEAFIM, uma das melhores e mais acreditadas do Algarve. Presta qualquer esclarecimento unicamente na propria officina, Rua de Santo Antonio, 75, FARO

A secção de Papelaria não faz parte da tipografia

FABRICA INDUSTRIAL DE MANOEL CARVALHO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZA

MANOEL CARVALHO

Rua Infante D. Henrique, 186 — Faro

Construção de poços artezianos. Vendem-se materiaes para os mesmos.

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos de vime.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, machinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem comp. e sem primeiro visitar esta importante fabrica.

Motores a Gaz

Com GAZOGENOS da reputada Fabrica MOTTO-DEUTZ

Construção de 1922, já em Lisboa 20-25-35 cavalos

Preços muito inferiores aos da fabrica

Buagete & Bragança, L. da

Travessa das Pedras Negras—8

Tele: Burecala—LISBOA

PIANOS

GRANDE sortimento em armazem para entregas imediatas pianos verticaes, de cauda e Auto-Pianos: Das acreditadas marcas alemãs

HOFFMANN & KUHNE
ZEITNER & WINKELMANN
G. NIENDORF
HEYL
M. F. RACHAIS & C.º etc.

Preços resumidos e sem concorrência.

Pedir preços aos unicos representantes

LAMBERTINI antiga casa fundada em 1830 de musicos Sucessores — FUERTES Limitada.

62—Praça dos Restauradores—68

TELEPHONE NORTE 3171 — LISBOA